ANO 7.º — Sexta-feira, 5 de Junho de 1914 — NUMERO 325

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ACROBATISMO POLITICO

Outro arlequim em evidencia nas hostes realistas

Conde de Agueda ontem e Conde de Agueda hoje

"Os representantes do historico partido progressista do distrito de Aveiro resolvem prestar a sua leal e desinteressada adesão ás novas instituições republicanas e tornar publica esta sua resolução.

Aveiro, 12 de Outubro de 1910.

CONDE DE AGUEDA"

ORGANISEM-SE!

Na conjunctura politica que a nação atravéssa, qualquer divisão, por mais insignificante que fosse, dos monarquicos que teem alguma influencia e prestigio, não era só um erro de tactica, mais: sería um atentado contra o país!

Orgulhos, vaidades, melindres, preocupações de chefias, ambições, interesses pessoais, se existissem, tudo isso devería ser arredado do espirito dos homens que pelas suas qualidades de inteligencia, de saber e de bom senso pódem juntar-se no alto pensamento de traçar o plano indispensavel á reconquista da tradição politica do país, bruscamente interrompida pela aventura revolucionaria que veiu pôr em evidencia a incapacidade governativa dos que aquela aventura poz á frente dos negocios publicos.

Póde haver divergencias de opinião, incompatibilidades de feitio, e mutuas recriminações pelos erros que todos praticaram, mas a explosão de tantos sentimentos contrários, se acaso lisongea o amor proprio de quem varre a sua testada na defêsa da sua respectiva atitude, não aproveita á causa da Monarquia, que só sería prejudicada pelas retaliações que desses sentimentos derivariam.

Se porventura existissem aquelas divergencias, incompatibilidades e recriminações, por outro lado haveria, e na verdade ha no animo de **todos**, uma perfeita concordancia quanto á improcedencia do regimen republicano e á necessidade de o substituir pela Monarquia representativa.

Não se compreenderia, portanto, que o interesse nacional se subordinasse a sugestão do amor proprio de cada um, quando ha a convicção unanime de que o regimen monarquico é a unica fórma de govêrno que, nas actuais condições internas e externas do país, convem a Portugal.

Ha algumas pessoas que pelo seu talento e pela sua experiencia dos negocios publicos pódem ainda prestar muitos serviços á nação do regimen monarquico, quando restaurado. Algumas dessas pessoas, por erros e grandes exageros dos seus ataques politicos, talvez tivéssem concorrido para precipitar a quéda da Monarquia. Mas esses erros e esses exageros irreflectidos não pódem servir de fundamento a que alguns se alheiem de uma cooperação, cuja falta não é compensada pela satisfação da intima e comoda vaidade do isolamento. A colaboração de quem quer que haja contribuido para a demolição do regimen monarquico, é o reconhecimento do erro praticado e a confissão e arrependimento dos exageros cometidos. Não temos o intuito de reanimar inutilisados, mas apenas estimular os retraídos.

Não se pense na reconstituição de extintos partidos, nem na reprodução de velhas *cotteries*. Que **todos** se inspirem unicamente na necessidade de salvar o país, começando por escolher um corpo directivo que, de acôrdo com El-Rei o Senhor D. Manuel, dê aos partidarios da Monarquia a orientação que não pódem ir procurar, porque não é sempre igual, aos francos atiradores da causa da restauração. E acima de tudo ponham o prestigio do Rei, que não póde ser diminuido por nenhuma imposição, porque a força e autoridade que o Monarcha tiver refletir-se-ão na Monarquia.

* * *

Póde suceder que alguns dos antigos homens publicos, que ocuparam logar de destaque na politica monarquica, não queiram assumir a atitude, que as circunstancias reclamam, e as responsabilidades de uma acção e direcção, que até hoje tem faltado; mas a comodidade e a timidez desses homens, prejudicando atualmente o país, poderão levar este ao esquecimento das suas pessoas.

Basta que se organisem, dentro das leis vigentes, com tacto e com firmeza. E quem não fôr republicano saberá então com quem se ha de entender a fim de receber a inspiração necessária para o caminho a seguir.

Se o poder constituido tolher o exercicio legal da organisação, terá mais uma vez desmentido os principios de liberdade que constantemente apregôa, e haverá justificado o facto de o país recobrar a sua liberdade por meios que não agradem ao regimen atual, que só tem vivido por ser uma minoria armada contra a grande maioria desarmada. Este regimen póde ainda ter a força material que resulta dos eventuais sustentaculos que o amparam, e manter-se num equilibrio mais ou menos instavel por virtude dessa força adventicia, mas esta, como tudo o que é transitorio e insubsistente, ha de acabar por ser atraída pela grande massa do povo português, que quer viver, trabalhar e progredir no respeito á lei, que ele fizer, e ás suas crenças, e na certeza da duração da autonomia nacional.

Conde de Agueda

(Do **Diario da Manhã** de 28 de Maio de 1914)

IMPORTANTE ADESÃO

GRANDE REUNIÃO POLITICA

Tendo o sr. Conde de Agueda convocado os seus amigos e maiores influentes politicos do distrito para uma reunião, no dia 12 ultimo, em Aveiro, nos armazens do cáes dos Mercanteis, grande foi o numero deles que ali compareceu.

Presidiu o sr. dr. Alvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça, que convidou para o secretariarem os srs. drs. Soares Pinto, de Ovar, e Mateus Pereira Pinto, de Agueda.

O sr. presidente expoz, num dos mais fluentes discursos que lhe temos ouvido, o fim para que aquela sessão fôra convocada—tomar uma resolução em face do caracter que a politica portuguêsa acabava de assumir, expandindo-se em considerações sobre os actos dos partidos hoje historicos, asseverando que **a monarquia morrera e que nunca mais resuscitará em Portugal,** dando a palavra a quem dela quizésse usar.

Pediu-a logo o sr. Conde de Agueda, que começou por dizer que sendo ele, e todos os seus amigos, portuguêses, antes de serem politicos, entendia que todos quantos se achavam aptos para a luta, deviam cumprir o dever de concorrer quanto nas suas forças caiba para as prosperidades da nação, dando ao atual govêrno o seu apoio absolutamente **desinteressado,** sem ambições nem sofreguidades.

Quem manda hoje, manda bem e encontra-se no seu posto; está no seu logar e esses logares, onde todos bem estão, pertencem-lhes de ligitimo direito, por ser a recompensa e o galardão dos sacrificios, dos desvelos, dos desgostos, dos prejuizos e dos incomodos por que os apostolos da causa republicana passaram, **sempre em luta honrada em favor do seu ideal.** O seu triunfo era e é hoje um facto. A monarquia morrera. **Tentar o seu resurgimento, sería uma deslealdade; mais do que isso, sería uma cobardia, indigna do nome de portuguêses.** Por tanto, as individualidades que hoje ocupam desde os primaciaes logares, ás comissões municipaes e até mesmo paroquiaes, todas, repéte, estão nos logares que lhes competem; a eles teem absoluto direito.

Ninguem lhos disputa, ninguem lhos deve disputar.

A proclamação da republica foi um facto dos mais gloriosos que enchem a nossa historia. Os feitos dos soldados e do povo de Lisboa foram extraordinariamente heroicos, e a essa heroicidade presta as suas gratas homenagens. O sangue derramado nas ruas de Lisboa, foi sangue abençoado, porque veio redimir uma patria abatida, uma nação defracada, que debalde queria vitalisar-se e engrandecer-se, mas que as ambições partidarias não deixavam consegui-lo.

A monarquia extinguiu-se para sempre. Tomou o seu logar um novo regimen que lhe parece trazer a aurora da redenção nacional.

Está convicto de que os homens ilustres que hoje ocupam a supremacia do poder, sentem essa benéfica aspiração, entende que todos nós, todos os portuguêses que se presam, lhes devemos prestar incondicionalmente apoio, **aderindo á causa da republica.**

Ele assim o faz; ele assim deseja que todos os seus amigos procedam; não para pedir favores aos dirigentes, mas para os auxiliar na nobre causa que os orienta e os guia.

Pretendem redimir a patria. Acompanhemo-los e auxiliemo-los. Está convencido de que a nação portuguêsa vai entrar numa nova era de prosperidades e de grandezas e por isso resume quanto mais podia dizer na moção que vai apresentar á assembleia.

Que todos se pronunciem, ali, francamente, abertamente, expondo o que sentem e o que pensam; **mais aconselha a que os seus amigos a votem,** o que se fez, por aclamação, entre aplausos ruidosos e **vivas á republica.**

Essa moção é exactamente assim redigida:

Os representantes do historico partido progressista do distrito de Aveiro resolvem prestar a sua leal e **desinteressada** *adesão ás novas instituições republicanas e tornar publica esta sua resolução.*

Aveiro, 12 de outubro de 1910.

Conde de Agueda

Propoz ainda este sr. que essa moção fosse assignada pelos circunstantes, sendo em seguida nomeada uma comissão, composta dos presidentes e secretarios da assembleia, para a ir apresentar ao sr. governador civil, afim de que este a enviasse ao govêrno provisorio, para que ficasse sabendo que o **partido progressista do distrito de Aveiro aderira á proclamação da republica,** não devendo, por tanto, ter receios de estorvos nem entraves, por parte dele, á acção da marcha progressiva da administração publica.

A essa comissão foram, por proposta do sr. dr. Soares Pinto, agregados todos os deputados ultimamente eleitos, que ali estivéssem presentes.

A moção foi logo coberta de assinaturas, deixando, entretanto, muitas pessoas de a subscrever, por terem de aproveitar o comboio das 2,20 da tarde, seguindo para o norte.

Como no govêrno civil se não encontrasse o sr. Albano Coutinho, a comissão desencarregou-se do mandato junto dos srs. secretario geral e 1.º oficial, dr. Joaquim de Melo Freitas.

. . . .

(Dos **Sucéssos,** jornal afecto ao sr. Conde de Agueda, de 15 de Outubro de 1910)

Manobras reaccionarias?

Em Coimbra, depois dum incidente num café, produzem-se gràves acontecimentos --- Entre estudantes e "futricas,, --- Recontros sangrentos --- O que está apurado

Voltou a dar que falar a linda cidade do Mondego que desde domingo se acha alarmada com o que lá se tem passado de anormal, alterando por completo a vida da população e o socego publico como consta do seguinte relato enviado por um excelente amigo deste jornal:

Um estudante do 3.º ano de medicina de nome Rafael Calado, filho do clinico da Figueira da Foz, Cristiano Calado, já falecido, e apontado pelas suas ideias acentuadamente monarquicas, entrou pela 1 hora de domingo no café Montanha, situado á Portagem, junto ao novo edificio do Banco de Portugal, e em termos provocadores desafiou, exaltadissimo, qualquer republicano que ali estivésse a defrontar-se com ele. Levantou-se um cavalheiro que nos disséram chamar-se Artur Costa e ser empregado publico para lhe dizer que não dava importancia ás suas palavras sendo nessa ocasião que Rafael Calado, preso dum acesso de furia, puxou dum revolver e o disparou em diferentes direcções sem que contudo alguem fosse atingido. Tentaram prendelo. O rapaz, porém, fugiu, sempre a disparar, e subindo a Couraça de Lisboa, seguido de várias pessoas, que gritavam, refugiou-se no *Centro Democratico José Falcão*, sito á rua da Estrela, unica porta aberta no local áquela hora sem duvida por estar ausente a familia que habita um dos andares do predio. Lá dentro ouviu-se a detonação dum novo tiro e isso determinou que alguns individuos ali entrassem afoitamente, indo encontrar o fugitivo caído por terra, banhado em sangue e com o revolver ao lado. Subiu então de ponto a vozeria enquanto o ferido era conduzido ao hospital da Universidade para curativo, que lhe foi feito pelo deputado dr. Marques da Costa, que se encontrava em Coimbra por motivo da reunião do seu curso e outro medico, aparecendo mais tarde o professor Daniel de Matos, que tambem verificou o estado do estudante, não o achando melindroso. Entrementes amanhecia e os comentarios começaram de circular sobre os acontecimentos das primeiras horas notando-se uma cérta efervescencia nos espiritos. E porque começasse de circular que o ferimento de Rafael Calado o tinha produzido um tiro disparado por um popular, boato que se não confirma, segue-se que á noite, um grupo de academicos, no intuito de exercer represalias sobre vários cidadãos, dos classificados como *futricas*, apareceu na rua e atacou a policia resultando da refrega ter sido morto um enquanto outros eram levados para o hospital com vários ferimentos. Este combate travou-se em frente do govêrno civil e só findou quando um guarda teve a inspiração de fechar a porta. Foi depois deste conflito que foram requisitadas forças militares de diferentes partes, tendo chegado de Aveiro, na segunda-feira, pela via ordinaria, 50 praças de cavalaria 8 comandadas pelo capitão Barão de Cadoro (Carlos) que desde logo começaram a patrulhar algumas ruas da cidade.

Nesse dia e cêrca das 21 horas ouviu-se na alta nutrido tiroteio vindo-se a saber que os estudantes tratavam de obstar a tiro a passagem de quem quer que fosse da classe civil, sendo por essa ocasião alvejado e morto selvaticamente o operario José de Albuquerque.

Pouco depois deste lamentavel sucesso, que exarcebou muito os animos, ouvia-se o toque a rebate nas torres de Santa Cruz e S. Bartolomeu o que poz a cidade em alarme, saindo bastante gente a reunir-se na Praça 8 de Maio e outros pontos. Falava-se clamorosamente da morte já conhecida do desditoso Albuquerque chegando a aventar-se a ideia de ir á alta fazer a *révanche*, mas de subito surgiu a cavalaria, que poz em debandada toda a gente, não chegando sequer a esboçar-se esse perigoso acto.

O dia de terça-feira passou-se em relativo socego, posto que de quando em quando alguns tiros fossem ouvidos. A's 6 horas e meia foram tomadas pelas fôrças da guarda republicana, a pé e a cavalo, que aqui se encontram tambem vindas de Lisboa, os pontos estrategicos, para o serviço de buscas em *republicas*, que desde logo foram iniciadas pela policia e guardas da judiciaria do Porto, sendo conduzidos para o comissariado os estudantes que nelas iam encontrando e apreendido tudo o que, de armamento, nelas havia. Os detidos ou sequestrados foram depois conduzidos para a Penitenciaria em grupos, escoltados pela guarda republicana, atingindo ás 13 horas 350 o numero dos que tinham dado entrada naquele presidio.

As apreensões feitas, segundo afirmações oficiaes, constam de pistolas automaticas, revólveres munições e parece que uma granada de grande potencia a que se está ligando bastante importancia.

Na Penitenciaria os detidos promoveram os maiores disturbios soltando vivas á monarquia, evitando que o motim se generalisasse a intervenção, a tempo, do sr. dr. Guilherme Moreira, reitor da Universidade, que aconselhou aos academicos serenidade e prudencia, insistindo em recomendar-lhes que é dever manterem-se dentro da ordem.

O comissario da policia, Floro Henriques, foi substituido por um capitão da guarda republicana de Lisboa, que, por ordem do govêrno, está delegenciando com o juiz de investigação, dr. Costa Santos, apurar todas as responsabilidades.

O *Centro Academico Democracia Cristã* foi mandado encerrar e o jornal realista *Patria Nova* impedido de circular por conter materia subversiva.

Até á hora do nosso jornal entrar na maquina nenhum facto de importancia voltou a produzir-se, continuando, no entanto, patrulhadas por tropa de linha, guarda republicana e policia todas as ruas de Coimbra. A Universidade acha-se fechada e ao liceu acontece o mesmo. E tudo por causa dum ebrio visto como são unanimes as opiniões em afirmar ser esse o estado de Rafael Calado no momento de iniciar os disturbios! Fraco vinho. Mas tambem fraca gente aquela que, aproveitando-se dessa circunstancia e do lamentavel incidente a que deu origem, veio fazer uma torpe especulação politica tão claramente se denunciou nos tumultos a influencia da parte conservadora da academia, que ha tempos vem trabalhando num largo proselitismo em favor do extinto regimen.

Mas ponhâmos de parte por ora quaesquer considerações. O govêrno, senhor da situação, não deixará cértamente de, pela boca do sr. ministro do Interior, informar o país de tudo quanto diga respeito ás averiguações a que estão procedendo as autoridades competentes e então, só então, é que somos concordes em que se diga claramente ao poder central o que é necessario fazer para evitar scênas eguaes ás desta semana que em nenhuma parte encontram apoio a não ser entre os que julgam que com isso pódem crear embaraços á Republica.

Por de mais é já conhecida a *cristandade* de determinadas creaturas...

Junta Geral do Distrito

—=(*)=—

Em reunião da comissão executiva presidida pelo sr. dr. Marques da Costa e com a presença dos vogaes Arnaldo Ribeiro, secretário, dr. João Elizio Sucena e dr. Samuel Maia, foi resolvido, no sábado, abrir concursos para os contratos de fornecimentos das duas secções do Asilo e fazer nova arrematação no proximo dia 20 para o que já foram afixados os respectivos editaes.

O cidadão presidente declarou que ofereceria á Câmara todos os subsidios que lhe coubéssem como membro da comissão executiva da Junta para os premios que aquéla tem em vista distribuir por ocasião da nova feira de gado a realizar nésta cidade nos dias 25, 26, 27 e 28 de Julho.

Aprovaram-se os orçamentos ordinarios para o ano economico de 1914 e 1915 das seguintes irmandades: do Santissimo e de N. S.ª do Rosario, da freguezia de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis e as contas das irmandades do Santissimo, freguezia de S. Tiago de Riba Ui, do mesmo concelho; da Associação Cultual de Ois da Ribeira, concelho de Agueda; do Santissimo, de Sanfins, concelho da Feira, e do Santissimo e de N. S.ª do Rosario, de Macêda, concelho de Ovar.

Tomando conhecimento do balancête do tesoureiro autorisou, por fim, vários pagamentos na importancia de 412$31 encerrando-se em seguida a sessão.

"O Democrata,,

Apesar de aumentada em algumas centenas de exemplares, esgotou-se por completo a edição do ultimo numero deste jornal em tanta quantidade foram os pedidos que dele tivémos de diferentes partes onde chegou a noticia dos assuntos que tratava.

Ainda que isso pése á choldra que por várias fórmas nos tem pretendido aniquilar, o caso é que o facto nos orgulha e encoraja tão convencidos nos achâmos de que nem só podridão existe neste país onde a miseria moral tanto se evidenciou nos ultimos anos de monarquia constitucional.

Não fala quem quer, não escreve quem quer, não aconselha quem quer, mas só quem tem autoridade para o fazer—a autoridade do seu nome, das suas acções, do seu honésto procedimento.

Que disto se convença a corja que aí anda a querer passar por mentôra de tudo e de todos, corja tanto mais desprezivel quanto de ha muito tem a marca-la o ferrête ignominioso das suas constantes e inqualificaveis malandrices.

AUTORIDADES CONCELHIAS

—=(*)=—

Ora até que emfim lá foram exonerados os administradores de Vagos e Estarreja ao primeiro dos quaes a câmara tinha suspendido já pagamento pela sua pouca assiduidade ao serviço e do segundo havia a torna-lo incompativel com o logar o facto de ter sido nomeado oficial do registo civil em Vagos, cargo que de fórma alguma era licito que acomulasse com o de representante da autoridade sabendo-se de mais a mais tambem das antipatias que o seu nome creou entre os estarrejenses de maior cotação politica e social.

Para o primeiro daqueles cargos foi nomeado, vindo já no *Diario do Govêrno*, o sr. Hugo de Moura Coutinho de Almeida de Eça e para o segundo o capitão de infanteria, sr. Jeronimo Gonçalves Ribas, dando-se ainda no distrito mais as seguintes substituições: do sr. José Lemos, administrador de Albergaria-a-Velha pelo sr. Antonio Domingues Teixeira, que em Aveiro já exerceu identicas funções; do sr. Vicente de Almeida Ribeiro, de Arouca, pelo sr. Arnaldo de Brito Portas e do sr. João Ferreira de Matos Junior, de Oliveira do Bairro pelo sr. Anselmo Augusto Taborda e Silva.

Tardou a hora da justiça, mas veio. E agora que Vagos e Estarreja viram satisfeitas as suas reclamações só fazemos votos porque casos da naturêsa dos que se teem dado não voltem a pôr em chéque as instituições republicanas, comprometendo os seus fundamentos de moralidade, base principal sob que deve assentar a obra redentora de 5 de Outubro.

Agora vai...

—=(*)=—

O *Diario da Manhã*, é aquele famoso jornal monarquico a que nos referimos no nosso numero passado e que sem mais preocupações transcreveu, na integra, o noticiario do *Democrata* a fingir de carta que desta cidade lhe enviasse o seu correspondente. Tal qual o *Bichêsa* a arranjar, á tesoura, os *magnificos* relatos que lhe envía para o orgão o *solicito* correspondente de Lisboa e que o *camaleão* mór crisma com a pomposa denominação de—*Correio da capital!* Pois o *Diario da Manhã* que como os agentes das pilulas Pink solicitam, para o respectivo reclame, os retratos dos que se supõem beneficiados com a droga, solicitou, e publica o retrato dum tal Pessoa de Amorim, com respectiva declaração, na qual o *nosso heroe*, como o designa o *Diario*, faz taboa rasa das suas convicções republicanas e serviços á Republica, para se declarar—*num acto de honrada confissão de arrependimento*—monarquico dos quatro costados!

Esta creatura, armada em Madalena arrependida, a quem a imprensa em geral indica tal qual é—sem importancia nem cotação de ordem alguma,—arranca aos escrevinhadores do *Diario*, tiradas rétoricas de espaventoso estilo, palmas, risos e... lamparinas, chegando até a epigrafarem a caso, com estas ridiculas designações—*O arrependimento dum ex-carbonario—A sensação que esse facto causou no país—O retrato do nosso heroe!*

Como facilmente se compreende, com isso se vão contentando os organisadores da festa e não nos admira se qualquer dia nos dérem conta que a *importantissima* conversão do *sincéro* republicano para *sincéro* monarquico será celebrada com um grande *Té-Deum ladramos*, como afinal ordena o programa da... velha monarquia nova!

O melhor da passagem, porém, que se dizia nos belos tempos de Mendonça e Costa, é que a conversão miraculosa e profundamente patriotica—como todos estamos a vêr—do não menos miraculoso e patriota Pessoa de Amorim, acordou na alma do corpo redactorial da impagavel folha... de couve, alma meiga como a da hiena, a genial ideia resumida no seguinte dilema, que muito senhores do seu nariz põem aos republicanos nas colunas do papelucho: *venham hoje e encontrarão as portas abertas de par em par; venham ámanhã, depois do triunfo da monarquia, e em nome da ordem, que é a felicidade da patria, pediremos para eles o fusilamento—a morte!*

E como razão justificativa desta simplicissima medida tão altamente denunciadora da bondade daqueles corações alegam as almas candidas—*que seria para evitar que a bala peçonhenta dos assassinos dos seus correligionarios lhes fosse sujar as mãos vitoriosas e... honradas!*

O' caras creanças e intemeratos patriotas! Mãos honradas, as vossas, maculadas e sujas com os adeantamentos, o Crédito Predial e tantos outros actos *honrados*?!

Chamae-lhe *garras aduncas* e tereis acertado, inegualaveis pandilhas!

UM BELO SINTOMA

Consta que na noute de 20 de Maio ultimo, alguns individuos entraram na egreja de Segadães, e depois de espalharem pelo chão as particulas, escavacaram alguns santarlhões, sem protesto destes e do dono da casa. Relatâmos o facto, não porque ele mereça a nossa censura por desrespeito á crença dos outros, ou se tenham estragado obras de arte, num vandalismo inutil. Nada disto se deu. Na sua furia redentora esses obscuros apostolos quizéram apenas inutilisar o que infelizmente leva ainda muitos anos a desaparecer, e está ensombrando os primeiros clarões dum seculo que tanto se presa de civilisado. No entanto neste facto, nos seus motivos determinantes, é um sintoma consolador que mostra bem que essas ridiculas ficções que uns pobres de espirito adoram com a candura e ignorancia dos selvagens dos sertões de Africa, já nem sequer, pela aldeia, incutem respeito ou mêdo a quem desacata essa divindade e esses monos de madeira que formam o seu estado maior.

São estes os fervorosos apostolos da religião da verdade que vão surgindo aqui e ali, aniquilando os simbolos da mentira com aquele ardor com que outr'ora os catolicos romanos destruiram as imagens e objectos do culto das outras seitas, ou sacrificavam, em autos de fé, aqueles que da sua crença não partilhavam.

O bonzo catolico, o traficante *divino* procura ainda hoje, pelos sertões, substituir o manipanço e o feitiço por outros monos de madeira, pela agua benta e pelo incenso; urge, pois, que outro ideal mais avançado ilumine os espiritos; é preciso, para a libertação das consciencias, que os novos paladinos da verdade avancem na sua obra salutar, destruindo a mentira sob qualquer fórma que ela se apresente, indo ao extremo pela palavra e pelo exemplo.

Só assim nos tornaremos dignos da civilisação.

Feliciano Alves Lobo

Chega-nos a triste noticia de haver falecido no Porto este nosso amigo e velho republicano, proprietario dum dos mais antigos estabelecimentos do Largo dos Loios, denominado *A Elegante*.

Ainda novo, pois que contava apenas 49 anos, a morte de Alves Lobo choca-nos profundamente porque além de desaparecer um honrado e estimado comerciante, a Republica fica privada dum valioso elemento de defêsa, com larga folha de serviços prestados no tempo da propaganda, em que foi companheiro de Paulo Falcão, e com o qual podia contar tão dedicado era ao ideial que o tinha atraído, dando-lhe tudo quanto um partidario sincéro póde dar para o seu triunfo.

Que a familia do prestante cidadão receba o preito das nossas condolencias ou sejam as condolencias de quem pelo caracter, pela conduta e pelas convicções de Feliciano Alves Lobo tinha verdadeira admiração.

Catastrofe maritima

A' entrada do rio de S. Lourenço, deu-se na manrugada do dia 29 uma violenta colisão entre o navio carvoeiro *Strostad* e o paquete inglez *Empress of Ireland* resultando terem morrido afogadas 964 pessoas das 1367 que este conduzia a seu bordo.

Depois das catastrofes do *Titanic*, naufragado ao largo da costa japoneza em novembro de 1908 e em que pereceram 1502 pessoas e da do *Titasio* ocorrida no mez de abril do ano passado em que tambem desappareceram para cima de mil passageiros, esta é das que ficam marcadas nos anaes maritimos como das mais horrorosas dos nossos dias e nos registos da navegação ingleza como aquela que profundamente emocionou, cobrindo-a de luto, a grande e poderosa nação.

O *Empress of Ireland* era comandado pelo conhecido capitão Kendall o mesmo que em 1901 descobriu a bordo do *Montrose*, entre os seus passageiros, o dr. Crippen quando tentava fugir á acção da policia por ter enterrado a esposa, depois de a cortar em bocados, no subterraneo da casa. Muito considerado como um excelente oficial, o comandante do *Empress of Ireland* conta uma importante folha de serviços que neste momento estão sendo lembrados na imprensa ingleza a proposito da horrorosa tragedia a que vimos de nos referir.

Nós e o estrangeiro

—=(*)=—

... *E hoje a Republica é o unico baluarte contra a guerra civil e social.*

Estas palavras, não vá julgar o leitor que tenham saído da pena dalgum exaltado demagogo ou de qualquer jornal de combate dos que ainda hoje defendem com afinco o regimen actual! Periodo retumbante dalgum discurso de apaixonado orador ou sentença extraida das vermelhas orações do sr. Antonio José, nos tempos sãos e bons, em que ele não pretendia ainda o espinhoso encargo de Messias... salvador.

Essas palavras com que encimamos estas ligeiras considerações são as que fecham um artigo do jornal londrino, *The Times*, artigo de analise á nossa situação interna, externa e financeira.

O mesmo jornal afirma que *Portugal não pensa em alienar ou negociar seja porque fórma fôr um palmo do seu territorio colonial*, antes, diz ainda *The Times*—*desde o advento da Republica que se notou um grande renascimento de interesse pelo dominio ultramarino.*

Todavia tais afirmativas, claras e terminantes, não encontrarão éco na imprensa monarquica que continuará afirmando—*que somos um povo caduco e perdido*, como *geograficamente uma prolongação da Espanha*,—sem direito á nossa soberania como nação secular mundialmente reconhecida!

E' assim, desta maneira antipatriotica, infame, que se exprime a refalsada caterva de bandidos, pela boca e pela penna dos seus mais graduados mentores, que preferem a desaparição do solo amado da Patria a que ela viva redimida pela Republica!

Miseraveis, que numa furia de doidos, espumando odios, apregoam já a morte para todos que com eles não chafurdem na mesma lama, chocando-se em igual podridão!

Contudo *The Times* nota que *o govêrno português está assegurado e de que nenhuma clausula em qualquer acordo anglo-germanico diminuirá de fórma alguma o valor da aliança anglo-portuguêsa com todas as suas garantias, não hesitando a Inglaterra na sua determinação de salvaguarda ás possessões portuguêsas contra qualquer agressão.*

São palavras indubitavelmente consoladoras para todo o patriota, independente da feição politica que possa manter; mas não as ouvem, não as querem ouvir os que, eivados de odio e de peçonha, só pensam na distruição do existente para que com isso venha a hora da vindita e do crime—porque mais do que isso não terão!

Eles que nada fizéram de bom e proveitoso para esta Patria a não ser transforma-la em vasto campo para a pratica de latrocinios de toda a especie, para o processo de infamias de toda a ordem!

Os miseraveis que dentro do regimen morto pensaram e pretenderam alienar uma grande parte do nosso patrimonio colonial, chegando até a estabelecer base para a transação, assentando-a na importancia de 112.500 contos!

A monarquia pensou em vender. A Republica pensa e trabalha para conservar.

The Times, o importante jornal inglez, reconhece-o, fazendo assim inteira justiça á Republica Portuguêsa!

Mantendo-se o govêrno do prestigio do seu proprio trabalho e patriotismo; cercando-se da atmosfera de que *The Times* é segurissimo termometro indicador, a Republica poderá continuar a sua obra redentora e sã, ainda que a distancia uive lugubremente a matilha realenga, carpindo a desgraça da Patria, perdida para eles, ou ameaçando de morte cruel e afrontosa os verdadeiros patriotas que a enxutou e elevou a respeitavel distancia.

Não somos nós que o dizemos, que o afirmamos. E' um dos mais respeitaveis e autorisados jornaes da imprensa estrangeira. E' o jornal estrangeiro que afirma sem receio de desmentido que—*hoje a Republica, é o unico baluarte contra a guerra civil e social!*

E uma grande verdade, de facto, traduzem estas palavras.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 32$00 o vagon.

Restos da monarquia

O conde de Agueda quer continuar na Republica os seus velhos processos de corrução politica

Não vai longe, para se haver esquecido, o tempo em que o sr. Conde de Agueda, chefe local do mais forte partido da monarquia, se servia da isenção de mancebos do serviço militar para conservar e alargar o seu prestigio politico. O concelho de Agueda concorria para as fileiras só com o numero de recrutas exigido por lei. A população da nossa vila era considerada lá fóra como constituida de enfesados ou raquiticos, pois anos sucessivos passavam sem que as juntas de recrutamento apurassem um mancebo sequer. Só os desprotegidos, os miseraveis ou aqueles que se não subordinavam á politica do Trinta diabos, primo do sr. Conde, iam dois anos servir no exercito. As correias eram só para estes.

Veio a Republica nivelar a todos perante o dever sagrado da defêsa da Patria. Aos pobres como aos ricos, impende o dever de se instruirem no manejo da espingarda de guerra para, em ocasião de perigo comum, saberem servir-se dela com proveito. Mas reduziu ao minimo o tempo de permanencia dos mancebos nos quarteis, precisos como são á lavoura, ás industrias, ao comercio, esses milhares de braços que por algumas semanas ou mezes tivéram de as abandonar. E desde o 5 de Outubro, ou melhor, desde a promulgação da lei do recrutamento, do Govêrno Provisorio, começou a haver em Agueda, na vila mesmo, rapazes de suficiente robustez para soldados. Acabaram privilegios e todos, a pouco e pouco, foram perdendo a repugnancia pelo serviço das armas, indo muitos para os quarteis cheios de alegria e orgulho. Mas ao sr. Conde não agradava este estado de cousas que era a dignificação do regimen. E ei-lo de novo em acção fazendo reviver o que de nefasto e infame praticou como chefe do mais corrupto partido da monarquia. Provas? Ei-las.

Em janeiro ultimo sentou praça no regimento de cavalaria 8, em Aveiro, o sr. João da Silva, de Agueda, que para aquela arma fôra apurado.

De constituição fraca, o João, após os primeiros exercicios começou a deitar sangue pela boca. Deu logo baixa ao hospital militar de Coimbra, de onde uma junta medica o mandou embora, por incapaz. Portador de doença gràve, a junta como se vê, cumpriu unicamente o seu dever. Mas em Agueda logo correu que a intervenção do sr. conde fôra decisiva no caso. Toda a gente ouvia apregoar o milagre do sr. conde. E este cavalheiro não desmentiu que tivésse intervindo, não se importando, pois, que sobre a junta medica caissem gràves suspeições.

Anunciou-se logo porém, que outro rapaz de Agueda, recruta do regimento de engenharia, aquartelado em Lisboa, seria egualmente livre pelo sr. conde. Citava-se mesmo que viria passar o Carnaval com sua familia. De facto, pouco antes do Carnaval, o mancebo Joaquim da Costa e Silva, deu baixa ao hospital da Estrela. Era o primeiro passo para a libertação, mas a junta a que foi submetido achou descabelado o escandalo e mandou-o recolher ao regimento.—Não veio pelo Carnaval mas pela Pascoa estaria em Agueda!—diziam os corifeus do sr. conde.

E o rapaz é de novo internado no hospital. E a gente de Agueda, bisbilhoteira e curiosa, ficou em permanente espectativa. Até que se anuncia a chegada do Joaquim para sábado 16 de maio.

O sr. conde cumprira. Os parentes do recruta que solicitaram directamente do sr. conde a sua intervenção, *a qual logo lhes ficou prometida*, viram satisfeitos os seus desejos.

Restava festejar o milagre. E no dia 21 ou 22 o liberto, com o cunhado e o Relvas, foram ao Adro agradecer ao caudilho realista o ter podido esfrangalhar uma das leis da Republica. E por entre fartas libações, não se esqueceu ele de comparar a sua força com a dos republicanos que nada poderam, como se os republicanos fossem capazes de cometer a indignidade que se atribue ao chefe monarquico!

Outro facto do nosso conhecimento.

Um mancebo que é natural de Fermentélos, era recruta de artilharia 2, de Alcobaça. Partidarios do sr. conde de Agueda, prometeram ao pae dele que o famoso Trinta diabos, contador naquéla vila, seria bastante para conseguir-lhe a baixa. Seguiram-se os mesmos tramites. O rapaz deu entrada no Hospital de Coimbra com parte de doente e de lá seguiu para Fermentélos.

E' bom acentuar que este rapaz é robustissimo. O escandalo é, pois, maior.

Não reconhecemos culpa, nem aos recrutas, nem ás familias deles que desejavam naturalmente vêl-os junto de si. Ainda recente a época em que esses escandalos eram de uso normal na vida politica, não havendo então no povo, falho de educação civica, o menor apego ao exercito, é até certo ponto desculpavel o verdadeiro anceio das familias dos recrutas, nas suas *démarches* junto do sr. conde. Este é que procedeu com o proposito de ferir a Republica, servindo-se para isso de antigas ligações com maus funcionarios do regimen, não se importando descobri-los, nem compromete-los. Mas o famoso chefe realista foi até á pequenez de engrandecer os seus feitos que recordam os idos tempos de corrução e de dissolução politica, quando os comparou na sua adega com o que ele chama a fraquesa dos republicanos.

Habituado desde sempre a servir-se da lei em proveito dos seus interesses politicos, o sr. conde desdenha dos republicanos que se dignificam pondo essa mesma lei acima de quaesquer proveitos imediatos!

Como se vê não hesitâmos em réclamar os feitos do antigo chefe progressista; queremos que toda a gente os conheça, até o proprio titular da pasta da guerra. E s. ex.ª hade saber providenciar para que se não repitam.

Sumaria e oportunamente: quando nas colunas deste jornal pozémos a descoberto, com provas irrefragaveis, que só não foram vistas por quantos as não quizéram vêr, crimes em absoluta igualdade de circunstancias dos que relata e aponta o jornal donde transcrevemos o que acima fica—animados pela mesma intenção de evitar que a dentro deste regimen que se garantiu ao povo como um regimen de moralidade, justiça e ordem—se continuassem a praticar os mesmos latrocinios, explorações e infamias que nos serviram para apontar a monarquia como incompativel com a dignidade nacional—a *Independencia de Agueda* quedou-se no mais absoluto silencio quem sabe se talvez porque os personagens apontados não viviam na intimidade do culpado de agora...

Tudo foi esquecido, até mesmo aquela solidariedade doutros tempos que foi o mais belo apanagio, o mais resistente élo que estreitou num abraço formidavel quantos de coração lavado e limpo defendiam a unhas e dentes a Republica, lutando tenazmente pela aproximação do dia redentor!

A atitude do nosso colégа não nos passou despercebida tanto mais que não era uma questão particular nem pessoal aquela que sustentámos, mas, como sempre evidenciámos, uma questão de absoluta moralidade indiscutivelmente indispensavel ao bom nome das instituições tão mal servidas por uns, tão mal defendidas por outros.

Aos nossos gritos de guerra, denunciando factos, apontando claramente nomes, citando quantias, a *Independencia de Agueda* mais que não fosse senão pelo amor que lhe deveriam merecer a honestidade e a moralidade da Republica—não deu, todavía, o mais leve sinal de vida a não ser para noticiar a nossa condenação!

Tal atitude, porém, não impede que levantando aquele colégа uma questão com pequenas variantes daquela que sustentámos, não estejamos ao seu lado incondicionalmente, reproduzindo as suas considerações e pedindo que quanto antes se tomem providencias no sentido de acabar de vez com taes imoralidades. Não porque queiramos ser mais papistas que o papa, nem aproveitar o ensejo inesperadamente oferecido para que alguem possa vêr na nossa atitude um ensinamento, delicado e correcto, feito o confronto entre o proceder de nós ambos, mas sim porque—e aqui está toda a limpida verdade—sempre julgámos do nosso dever estar junto e ao lado dos que denunciam um crime, um acto, um facto que implique desdouro, vergonha, afronta ao novo regimen, que temos o sagrado dever de elevar e manter até onde não a conspurquem os miseraveis e os bandidos que nas mortas instituições cometeram toda a sorte de explorações, toda a casta de indignidades, toda a especie de infamias!

Aqui estamos no nosso posto, ao lado do nosso colégа na defêsa dos bons principios bradando como ele por justiça, chamando em altos gritos pelo sr. ministro da guerra para que ordene as necessarias investigações e exames aos processos que concluiram pelo reconhecimento da necessidade de ser dada baixa ás praças indicadas, sendo todavía homens robustos, sãos e sàdios, como diz a *Independencia de Agueda*.

Em nome do prestigio que deve merecer a nós todos a Lei e a Justiça, em nome do prestigio da Republica, acabe-se de vez com a aviltante bandalheira!

Como o diabo as tece!...

—=(*)=—

Num diario da capital deparou-se-nos no domingo esta noticia que começa como o titulo da epigrafe:

«De Aveiro veio ha dias para Lisboa, com destino ao Brazil, João Martins Cristão.

Com 100 escudos na carteira e umas cartas de recomendação, passeava as ruas enquanto não chegava o vapor que o havia de levar.

Mas—onde quer está um bocado de mau caminho!—o Cristão passou ontem á noite junto á Praça da Figueira, talvez mais embebido no seu sonho de emigrante do que observador das coisas que o rodeavam.

Uma creaturita nova e bonitinha acerca-se dele e, com modos proprios de quem conta nos registos oficiais 39 prisões por furto, leva o nosso Cristão para o obsequiar em sua casa, rua de S. Pedro dos Martires, 1-1.º. Era nem mais nem menos do que Maria José, vulgo a *Ravachola*.

Por um processo muito conhecido, do cabide por cima duma porta disfarçada, foi roubada a carteira do pobre Cristão com o recheio que era toda a sua esperança em melhor fortuna. Mão oculta fizéra a escamoteação e fôra a conhecida heroina do roubo que conta 125 prisões, Virginia Augusta, a *Trailheira*.

O Cristão chegando á rua novamente se embebeu no seu sonho de felicidade a chamа-lo *di lá* e, como fazia frequentes vezes, foi verificar se no bolso estava realmente a carteira e nela os 100 escudos e as cartas... Mas!... Estremeceu e calculou logo onde o haviam roubado. Correu ao govêrno civil, fez a sua queixa e imediatamente saíu o agente Felisberto de Oliveira em cata do roubo. Chegou á rua de S. Pedro dos Martires e prendeu a *Ravachola* e a *Trailheira*. Horas depois parece que começaram a aparecer destroços do roubo: algumas notas, uns cobres, contando-se reaver quasi tudo.

Por quanto ficará a lição?
A historia é tão velha!...

Para os que a conhecem. Porque, de resto, *cristãos* ha-de haver sempre enquanto o mundo fôr mundo e as *Ravacholas* não acabarem.

Mas *cristãos* de Vagos, lambareiros, que não de Aveiro...

FRANÇA BORGES

O intemerato director do *Mundo*, que atualmente se encontra na cidade da Guarda, na conquista do seu completo restabelecimento, segundo informações que cuidadosamente colhemos, tem obtido consideraveis melhoras, continuadoras daquelas já conquistadas em Montachique para onde fôra ha algumas semanas.

Ardentes e profundamente sinceros são os votos que de todo o coração fazemos para que dentro em breve, muito em breve mesmo, vejâmos França Borges no seu posto de combate, honrando o regimen porque ha tantos anos lucta com inquebrantavel energia e inexcedivel dedicação.

Teatro Aveirense

Poucos bilhetes restam para a récita do dia 11 pelos artistas dos teatros *Nacional* e *Republica*, de Lisboa, que, de passagem, aqui representarão o drama em 4 actos, de Suderman, *Magda*, em que Italia Fausta desempenha o principal papel, sempre aplaudida por todas as plateias onde mostra o fecundissimo talento de que é dotada.

Da *tourneé* fazem tambem parte, além doutros, o conhecido actor Luiz Pinto e Palmira Torres, podendo-se dizer que com taes elementos está bem assegurado o exito do espectaculo que a emprêsa Maximo Junior nos proporciona na proxima quinta-feira.

Asilo Escola Distrital

Proseguem entre os ex-internados deste estabelecimento os trabalhos para a realisação duma festa que dentro em pouco ali deverá ter logar, ficando no domingo organisada a comissão composta dos srs. Antonio dos Santos Lé, Luiz dos Santos Vaz, José Maria dos Santos Victor, Francisco de Matos Junior e João Gamélas, tesoureiro, que terá de elaborar o respectivo programa e assentar definitivamente no dia em que deve ser levada a efeito.

Consta-nos que, por subscrição aberta entre si, os antigos asilados pensam na compra duma bandeira que será ofertada por eles aos novos alunos por ocasião das festas que teem em vista.

Toda a correspondencia póde ser dirigida ao tesoureiro da comissão, João Gamélas, na propria séde do Asilo, onde se acha empregado.

Notas mundanas

Chegou ontem da capital o sr. dr. Augusto Gil, governador civil deste distrito.

=Vindo de Paris é esperado por estes dias em Lisboa e Aveiro, onde passará algum tempo, o nosso conterraneo e amigo, dr. Antonio do Nascimento Leitão, capitão-medico do exercito.

=Acompanhado de sua esposa esteve com curta demora nesta cidade, o sr. dr. Eugenio Couceiro, medico na Mealhada.

=Partiu para S. Paulo, E. U. do Brazil, o sr. padre Manuel Ferreira Felix.

=Deu entrada no Colegio de N. S. da Conceição a menina Inocencia Mendes Agra, interessante filha do sr. Antonio da Rocha Agra, de Ilhavo.

=Consorciou-se com o sr. Livio da Silva Salgueiro a sr.ª D. Conceição Moreira Miranda, filha mais velha do negociante, sr. Albino Pinto de Miranda.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Dr. Simão José

—=(*)=—

Foi ultimamente transferido da comarca de Fornos de Algodres para a de Moimenta da Beira este nosso presado amigo que, como agente do Ministério Publico e republicano dos mais dedicados do distrito da Guarda tem conquistado a estima e consideração publicas, ao ponto de no ultimo do jornal *O Combate*, daquela cidade, virem insertas as seguintes linhas:

«Conforme o seu desejo foi transferido de Delegado do Procurador da Republica da comarca de Fornos de Algodres para a de Moimenta da Beira este nosso estimado amigo e um dos mais valiosos correligionarios do nosso distrito.

S. Ex.ª que vinca nos logares por onde passa o cunho indelevel da sua acção, cheia de vigor e de arreigado patriotismo, deixa atraz de si um cortejo de amigos que o choram.

Apostolo veemente do Partido Democratico, lutador por ele e seu propagandista como poucos, s. ex.ª faz da politica aquele nobre conceito com que o sabio grego a enalteceu; e, como raros se encontram, concretiza-o praticamente, o que o leva a ter em cada um que o cerca, sejam quais forem os seus ideais politicos, um dedicado amigo e um sincéro admirador.

Magistrado integro, conscio e dum profundo saber que a sua longa vida prática de advogado lhe alcançou, S. Ex.ª é já hoje um nome ilustrado e será ámanhã uma figura de destaque e uma honra da Magistratura Portuguêsa.

Tivémos o prazer de o abraçar aqui, ha dias, onde o acompanharam alguns dos seus amigos, não dizemos intimos, porque assim o eram todos, de Fornos. Vimos com quanta magua lhe déram o abraço de despedida, ao partirem e deixarem-no entre nós, nesta terra onde conta arreigadas dedicações. E' que, repetimos, o dr. Simão José deixa por onde passa um cortejo de amigos que o choram e que no triste momento de despedida, preferiam talvez não o ter conhecido nunca.

Se a sua transferencia não é motivo para felicitarmos Fornos de Algodres, é motivo para o fazermos a Moimenta da Beira, onde o dr. Simão José vai continuar a obra triunfante da Democracia, e firmar o seu nome de magistrado e de republicano.

Alegram-nos as suas horas de triunfo e por isso nos felicitâmos tambem.

E como a sua transferencia o colocou numa melhoria de situação, daqui lhe enviâmos um apertado abraço de parabens.»

Abraço a que o *Democrata* não póde deixar de se associar pois tem igualmente pelo dr. Simão José, irmão do digno chefe do posto aduaneiro aqui residente, sr. Antonio Felizardo, a consideração que lhe merecem todos os homens com qualidades eguais ás do integerrimo magistrado.

SERÁ VERDADE?

Constou af que se tinha perdido o inquerito ao conflito havido na Escola Normal entre um aluno e o professor Almeida.

Não acreditâmos. A noticia foi, concertêsa, lançada por algum pandego como piada á demora na solução do caso. Colheremos informações.

Perder-se o inquerito! Então póde lá ser uma coisa dessas?! A demora no julgamento dá, na verdade, margem a estas suposições...

Estas e outras...

Instituto dos cégos Branco Rodrigues

Visitaram ultimamente a nova séde deste Instituto, no Estoril, os srs. Vicente de Souza, contador da Imprensa Nacional e Artur Cezar Sardinha, sub-inspector da Alfandega de Lisboa, que deixáram assim consignada a sua opinião, no livro dos visitantes:

E' excelente a impressão que levamos deste admiravel Instituto, que só a dedicação, o zelo, a tenacidade e a energia de Branco Rodrigues seriam capazes de levar a cabo com tal exito. Aqui deixamos consignado o nosso preito a tão grande benemérito, que tem dedicado toda a sua existencia a cuidar de minorar a sorte dos mais desprotegidos—os privados de vista.

Inscreveram-se tambem como protectores deste Instituto, os srs. dr. Manuel de Azevedo Araujo e Gama, Antonio Batista da Rocha, Clemente de Mendonça, Jeronimo Inacio Cintra, Adriano Antonio Gomes, Urbano Alves Valente, João Neves Silva, Francisco de Sales Peres da Silva, Antonio Francisco Padinha Dias, F. A. Carneiro e Sá, Antonio Joaquim de Brito Magro, João Geraldes, José Augusto Rodrigues de Almeida, João Pinto da Costa, Artur de Vasconcélos, Manuel Abreu Junior, Manuel Moniz de Freitas, José Meireles C. Barriga, Antonio Homem da Costa Cabral, João de Almeida Tojeiro, Paulo Moura, Antonio Maria Valada e as sr.ªs D. Jovita Leite Mota e D. Maria da Câmara Reis Jardim.

* * *

No dia 18 de junho inaugura-se em Church Hause, Westminster, em Londres, uma Exposição de Artes e Industrias dos Cégos, por ocasião da Conferencia Internacional sobre os Cégos, que se realiza naquéla cidade, nos dias 18 a 24 do corrente, sob o patrocinato do duque de Connaught, cuja sessão inaugural será presidida pela princêsa Luisa de Inglaterra.

O Instituto de Cégos Branco Rodrigues, que foi convidado a concorrer a este certamen universal, expõe:

1.º) Capachos de cairo e de arame, fabricados nas oficinas do Instituto do Estoril;

2.º) Escovas de piassava, tambem manufacturadas pelos cégos;

3.º) *Metodo Estenografico, para uso dos cégos*, de Branco Rodrigues, impresso em relevo na Imprensa Nacional de Lisboa;

4.º) Colecção dos dezasete volumes publicados da revista de tiflologia o *Jornal dos Cégos*, (1895 a 1913), fundada e derigida por Branco Rodrigues, que tem sido premiada com medalhas nas Exposições de Paris, em 1900, de S. Luiz em 1904, do Rio de Janeiro em 1908.

A rogo do sr. José Pedro Rebelo, presidente da direcção do Asilo de Cégos, de Castélo de Vide, foram enviados para Londres, juntamente com a remessa destes objectos, os que aquele antigo estabelecimento de beneficencia (o primeiro que em Portugal se constituiu para cégos) tambem expõe e que são:

1.º) Cestos de vime, manufacturados pelos cégos nas oficinas do Asilo;

2.º) Amostras de rendas e artefactos de malha, feitos pelas cégas ali internadas.

Os srs. Eduardo Ferreira Pinto Basto & C.ª, agentes do vapor *Ancona*, da Hall's Line, onde foram expedidos os objectos destinados á exposição, tivéram a generosidade de ordenar que o transporte fosse gratuito.

FEIRA DE GADOS

Por deliberação da Câmara de Aveiro foi creado nesta cidade um novo mercado anual que se realizará no ilhote do Côjo nos dias 25, 26, 27 e 28 do mez de Julho e ao qual se espéra que concorram os creadores de todas as regiões do país e a comissão de remonta do exercito, que aqui fará a sua escolha.

Mais deliberou a Câmara distribuir alguns premios de valor áqueles que melhor gado apresentarem nessa feira, o que, como incentivo, será não só de grande alcance como ainda deve estimular ao apuramento das raças todos os que se dedicam á creação das diferentes especies animaes de utilidade pública.

Pela nossa parte aplaudimos sem reservas a iniciativa do municipio tanto mais que ela representa para Aveiro algo de util e proveitoso, como em bréve se verá.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Comunicados

—=(*)=—

Carta aberta ao Ex.^mo Ministro de Instrução Publica e deputados da Republica Portuguêsa

Excelencias:

Esta modesta penna nas colunas deste conceituado jornal nunca faltou nem nunca faltará ao sacrosanto dever de punir pela luz já que um dos lemas da Republica é instruir o povo. Está cançada de clamar mas nunca desalenta; por isso creio que desta vez restrugirá e v. ex.ªs não deixarão de atender ao que vou ponderar porque de contrario serei um descrente e passaremos a viver na mesma obscurancia como outr'ora viviamos.

A instrução neste lugar de Pinhão de Pindelo, concelho de Oliveira de Azemeis, nada tem progredido, sendo devéras lamentavel que se continue no mesmo estado de analfabetismo como no tempo da defunta monarquia. O Estado gasta dinheiro sem proveito algum já que quem tem por obrigação inspecionar a escola consente que o professor oficial pouco caso faça do seu mister sagrado e que se dedique com mais avidez ao comercio de bacoros e de leite. Urge, ex.^mos srs., em vista do animo exaltado destes honrados povos, que em geral são liberaes, dar as devidas providencias e nunca se tolerar que a protecção aniquile a justiça que de jus tem e que esta não seja uma palavra vã como outr'ora. Muitas creanças abandonaram a escola e foram matricu-

Caixa Economica Postal

Aceitam-se depositos, á ordem, em dinheiro, desde $20 a 1.000$, e em estampilhas, das taxas de 1[2 a 2 1[2 centavos, por meio de boletins, até 20 centavos cada boletim.

Juro de 3 0[0 ao ano.

Qualquer estação Telegrafo-Postal aceita depositos.

Os vales do correio nacionaes, internacionaes e ultramarinos e as ordens postaes pódem ser endossadas a esta Caixa para serem creditados na conta corrente de qualquer titular, para o que basta envial os em subscrito cerrado, *sem estampilha*, á séde da Caixa.

Tambem se aceitam, para o mesmo fim, coupons de papeis de credito, cheques nacionaes, internacionaes e outros titulos a cobrar, devendo estes ser remetidos em carta com valor declarado á séde da Caixa, rua Alves Correia (vulgo rua de S. José) 14—LISBOA.

Teatro Aveirense

Convóco os srs. Acionistas da Sociedade Construtora e Administrativa do Teatro Aveirense para se reunirem em Assembleia Geral extraordinária no dia 20 do corrente, por 14 horas, nésta cidade e Edificio Social, á Praça da Republica.

ORDEM DOS TRABALHOS

1.ª parte — Discussão da matéria dos oficios trocados, em 10 e 26 de abril ultimo, entre a presidencia da Assembleia Geral e a Direcção.

Discussão, aprovação ou rejeição da proposta apresentada por dois Acionistas cedendo, por 1.000$00, á Sociedade o exclusivo da representação, em Aveiro, da Companhia Cinematográfica de Portugal.

2.ª parte — Apresentação do Projecto de Reforma dos Estatutos da Sociedade, elaborado pela dita presidencia. Sua discussão, modificação, aprovação ou rejeição.

Não comparecendo numero legal de Acionistas, fica, desde já, a reunião adiada para 5 de julho proximo, devendo realizar-se nos mencionados local e hora, considerando-se como válidas, todas as deliberações que sobre os ditos assuntos então se tomarem qualquer que seja o numero de Acionistas presentes e o capital representado.

Aveiro, 1 de Junho de 1914.

O Presidente da Assombleia Geral,

André dos Reis

Alquerubim, 2

A noite passada foi assaltada a casa do sr. José Couto Martins, de Páus, desta freguezia. Os assaltantes eram cinco. Um foi vêr se arrombava a porta do celeiro e os outros ficaram ao largo. O cão deu sinal, e o sr. Martins levantando-se poude agarrar o *freguez*, entregando-o ao regedor que o mandou para a cadeia.

Os outros 4 fugiram, e o que ficou parece aparvalhado, mas tem finura suficiente para não responder ás perguntas que lhe fazem, falando só em Oliveira e Vilarinho... e nada mais. Trazia um pedaço de folha de ferro, grossa e aguçada dum lado, e era com ela que estava a arrombar a porta. Trazia mais dois parafuzos: um grosso e outro fino. Parece que se trata dum dos trabalhadores da linha do Vale do Vouga. O homem tem as mãos calejadas, e dá indicios de parvo. Andava descalço, em mangas de camisa e chapéu de côr muito roto. Na sua passagem pelas escolas foi visto pela população escolar, a quem se fez depois uma preleção sobre malfeitores e sobre as consequencias que resultam da pratica de acções de que os meninos se devem abster.

=As vinhas estão prometedoras e já está vingado muito vinho.

C.

Cinematografo

Vende-se um aparelho cinematografico para luz artificial. Dá a projeção muito nitida, a luz muito economica, facil montagem, sem perigo no trabalho e preço muito razoavel. Tambem se vende ou aluga a fita *Vida de Cristo*. Para mais esclarecimentos, dirigir a

José Alves de Oliveira

Agueda

Lenha de conta

Vende-a David da Silva Matos, da Costa do Valado, a quem devem ser dirigidos todos os pedidos.

PREDIO

Vende-se o predio de casas n.º 30 e respectivo quintal, na rua das Barcas désta cidade.

Para tratar com Domingos José dos Santos Leite.

Voiturette

Vende-se uma de 2 logares de *Dion-Bouton* em perfeito estado e bom funcionamento.

Para vêr na AUTO-VELO-GARAGE, de *Trindade & Filhos*, Avenida Bento de Moura.

---

lar-se em outras muitissimo distantes para alguma coisa aprenderem, pelo motivo do que exponho. E' impossivel continuarmos neste cáus, porque o unico prestimo que tem o professor é receber no fim de cada mez os seus proventos, cuidar dos bacoros e do leite e o resto é sempre e sempre a fingir... alegando que os alunos não aprendem por serem rudes! Já enviemos uma queixa ao cidadão inspector, mas, segundo consta, este não lhe deu andamento por atender aos pedidos que lhe fizéram. Eis pois a protecção a reinar em prejuizo da instrução. Para o desenvolvimento da instrução dos dois sexos era de toda a conveniencia que as duas escolas existentes na freguezia fossem convertidas em mixtas, porque a distancia entre uma e outra é bastante grande e não ha lei que obrigue as creanças a percorrer tão grande trajecto. Desta fórma dava-se um grande impulso á instrução e o Estado não ficava sobrecarregado porque dispendia o mesmo.

Um interessado

A cobardia dos talassas

Prezado correligionario. — Só hoje tive ocasião de lêr uma carta dum tal José Maria Simões, desta vila, desmentindo uma noticia publicada no seu *Democrata* de ha dias, referente a uma engraçada *tragedia* havida entre este humilde republicano e aquele *ilustre engraxador*...

Não calcula, caro correligionario, a cobardia que contém essa carta. A tudo que é verdade nela se chama *calunia* e *trampolinice*.

E diz o sinatario que ninguem será capaz de vir declarar que tal facto sucedeu!... E' unico... E' vergonhoso até dar muita importancia áquilo que ele assina, simplesmente com mêdo de nós o chamarmos ao banco dos réus!...

Já ha dias o digno administrador do concelho o chamou á administração para lhe dar *bons conselhos*, em virtude de ele ter ido assaltar-nos — como qualquer bandido que faz o mesmo para matar ou roubar—ao caminho de Vilanova de Monsarros; ele foi tão pulha, tão cobarde que não têve pejo em negar ter feito tal proeza!...

E' claro que não o levamos para o tribunal, apezar de termos testemunhas que provariam tudo; mas havemos apenas de ser... *bons amigos*...

* * *

E vem um *homem*—coitado de ele!... — desfazer uma noticia cheia de verdade inserta no seu jornal, chamando calunía e dizendo que v. foi ludibriado na sua boa fé (tenha cautéla com estas palavrinhas dôces, porque são ditas por um *bicho* tão amargo...) quando, afinal, ele é que vem com uma *burla* que mete nôjo e que faz rir todos aqueles que a lêrem..., pois soube com os processos hipocritas que usa, leva-lo a dar-lhe publicidade no *Democrata*...

E' interessante tambem que tal azemola não desmentisse o que disséram o *Povo*, a *Defeza de Luzo* e o *Sol Nascente* sobre o mesmo assunto e que tivéram palavras que mais o *caraterisasse* do que as da noticia do jornal de v.

Porque o não fez? Faltar-lhe-ía o *pandego* que lhas redigisse? Não. E' que em Aveiro é facil falar-se com o director e dizer-se meia duzia de palavras que convençam, e está conseguido o que se deseja...

E eis a verdade, prezado correligionario, dita sem temor de novo assalto (já projectado...), apezar de... *mentirmos como um pêrro*...

Pobre dele!...

Sem mais, julgo que é o suficiente para tomar a responsabilidade assinando-me com a maxima consideração para com v. amigo e dedicado correligionario

Anadia, 29—Maio -1914.

Anibal Cruz

Agradecimento

Henrique dos Santos Rato e familia, penhorados com todas as pessoas que se interessaram pela saude de sua Mãe e que, por morte dela, os honraram com provas de condolencia, vem por este meio, na hipotese de qualquer falta involuntaria, agradecer a todas, confessando o seu profundo reconhecimento.

Aveiro, 30 de Maio de 1914.

VR

E' o melhor adubo completo, garantido. Pódem empregal-o sem receio de serem enganados.

Esta formula é garantida, os seus resultados são eficazes em toda a cultura.

Exclusivo da fórmmula V R garantida por analise.

Todos os pedidos serão feitos a

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

(Costa do Valado)

Preço de cada saca de 50 kilogramas 1$10.

Descontos aos revendedores

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JUNHO

DIAS	PHARMACIAS
7	RIBEIRO
14	ALLA
21	BRITO
28	REIS

CORRESPONDENCIAS

C. de Paiva, 26 de Maio

Quem mandou na monarquia que mande na Republica... Depois do regresso do sr. Conde parece terem melhorado bastante os negocios públicos...

=Consta que vae ser posto em pratica o uso dos novos pesos e medidas.

=Quando será posta a concurso a escola do sexo feminino da freguezia de Fornos, a segunda do concelho?

=Sabemos que vai entrar na praia do Castélo, como no ano passado, grande porção de azeitona podre para azeite, que se está vendendo ao preço de $14 o quartilho!

=Quando em Março de 1908 organisámos a comissão municipal republicana que dentro em pouco tempo foi abandonada pelo presidente, que se acha ainda na administração do concelho, nunca nos lembrámos que a Republica nos désse o que tem dado. Somos republicanos, não precisâmos nem queremos nada com os falsos e nojentos politicos. Protestamos contra um tal estado de coisas.

C.

Requeixo, 1

A proposito do que aqui temos dito sobre o terreno de logradouro comum situado na Povoa do Valado desta freguezia, que a Junta de Paroquia diz pertencer-lhe, foi esta corporação empossada judicialmente, do mesmo terreno, no dia 26 de maio ultimo.

Não sabemos se o acto do poder judicial está em harmonia com a lei que regula o caso, por isso que ha quem sustente o contrario. O proprio advogado da Junta implicitamente o dá a entender, como claramente se depreende pelo que passamos a expôr.

Assinado o auto da posse, o sr. dr. Jaime Silva dirige-se ao particular contendor, sr. Manuel Francisco Braz, propondo-lhe uma acomodação por meio da qual este sr. considerasse o terreno em questão exclusivo da Junta de Paroquia, e esta, por sua vez, concedia ao entrevistado ampla licença para continuar a série de melhoramentos que a sua benemerencia lhe despertasse fazer no mesmo terreno.

Tal proposta foi regeitada em absoluto, e muito bem, alegando o sr. Manuel Francisco Braz que, no seu entendimento com a Câmara Municipal, não teve outro fim que não fosse beneficiar a sua terra natal, incondicionalmente, é claro, e não para se apossar do terreno como a Junta de Paroquia espalhou com a sua deliberação do dia 4 de abril deste ano, cértamente por instigação do seu vogal Manuel dos Santos Coutinho, que sempre se tem julgado o sr. feudal da Povoa do Valado, contrariando tudo quanto lhe desagrade, ou, melhor, não se harmonise com os seus interesses, e tanto assim que o córte, por duas vezes, das arvores plantadas nesse terreno e a pretendida demolição da fonte nele construida, evidenciavam o seu proposito retrogrado e porventura criminoso, no que foi auxiliado pela corporação de que faz parte. Finalmente e como tem poderes competentes para transacionar sobre o proposto, só condicionalmente aceitaria contanto que a questão fosse ventilada entre as duas corporações administrativas, Câmara e Junta, o que o advogado desta não aceitou.

Em vista daquela proposta, assiste-nos ou não o direito de perguntar: A intervenção judicial, pela fórma acima indicada, está em perfeita harmonia com a lei que regula o caso? No caso afirmativo, a que proposito vinha a proposta do sr. dr. Jaime Silva?

Aqui, salvo o devido respeito, temos o progresso de caranguejo, e foi necessariamente neste intuito que alguem perguntou que moralidade era essa, e onde estava a consciencia ao virem com uma acção de direito depois de consumado o crime de vandalismo com a agravante de pôr em desordem um povo inteiro, que vê na pessoa do sr. Manuel Francisco Braz, não um ambicioso da esfera do seu antagonista, mas um cidadão util á sociedade, como o provam os seus actos.

A esse *alguem* respondeu o sr. dr. Jaime Silva:—*Ainda você vem para cá com isso!... Moralidade e consciencia nem no tempo da monarquia, quanto mais na republica! Ainda você vem para cá com isso!... A moralidade e consciencia estão nos nossos interesses, e eu, como advogado, tenho de procurar meios de salvar os meus constituintes, como procuraria meios de o salvar a si se você me tivésse procurado antes.*

Dá cérto.

Havia já muito tempo que estavamos na duvida sobre se haviamos de tomar os dois termos—moralidade e consciencia—no sentido que esses dois termos exprimem, ou no sentido que o sr. dr. Jaime Silva os definiu.

Temos de concordar com s. ex.ª.

Trata cada qual dos seus interesses sem se importar com os prejuizos de terceiro: a moralidade e a consciencia são miasmas deleterios, que uma rajada de vento—salutar bafejo da Natureza—arremeçou para longiquo e incognito monturo!

Mas então porque foi que o conspicuo advogado não aconselhou a Junta, desde principio, a proceder como agora, evitando assim, por parte do seu cliente um procedimento que não nobilita, mas rebaixa e deprime uma corporação?

A resposta é a mais facil deste mundo: quem quer não seja tolo deixando-se sugestionar por aquele que só tem por fim arranjar a vidinha, atirando p'ra casa do diabo com a moralidade e a consciencia...

Mas que surprezas nos estarão reservadas em todo esse embroglio, nessa contenda edificante, que tem por protagonista o interesse sórdido, individual, dum antigo *cacique* cujo lêma ainda é o do *posso, quero e mando*!

O tempo o dirá.

F.

Pinhão, Oliveira de Azemeis, 1

Segundo informações colhidas, consta-nos que está bastante indignado o sr. José Maria G. de Pinho Rocha, deste logar, porque tendo mandado a Pindelo a sr.ª Maria Teixeira afim de trazer leite para a sua fabrica de lacticinios quando seguia hoje e ao chegar a um pinheiral desabitado, entre esta e aquela localidade, deparou com uns individuos que a agrediram á bofetada.

Taes actos de selvajeria nunca consta cá ter havido.

=Na noute de um para dois do corrente roubaram a Inacio de Oliveira, morador no dito logar uma charrua. O queixoso já enviou a respectiva queixa ao regedor desta freguezia.

C.

Agueda, Ois da Ribeira, 2

Ha muito tempo já que não escrevemos nas colunas do *Democrata*, não porque estivéssemos esgotados de assunto, mas porque não desejavamos trazer para a imprensa homens que em nosso modo de vêr deveriam mais tratar da *alma* do que dirigirem os nossos destinos públicos. E assim nos temos sofriado ha um certo tempo a esta parte não só respeitando edades no ultimo quartel da vida, mas tambem por dever partidario em não vir criticar a autoridade concelhia que, com bastante desgosto o dizemos, não tem correspondido á nossa espectativa.

E' bem cláro para nós que Agueda—essa linda Agueda tão *cantada* em prosa e verso, tem abertamente auxiliado a reacção nesta freguezia que se acoberta com a bandeira evolucionista.

E' para lamentar que no periodo que atravessamos, que a reacção clerical, refrataria ás leis da Republica, não encontre pela sua frente autoridade que a não deixe avançar.

O desgosto é geral na familia republicana desta terra que tem estado incondicionalmente ao lado da democracia.

Mas Agueda tem o mal na massa do sangue e... a não ser que os verdadeiros republicanos, que compreendem o seu dever, lhe mostrem o caminho errado que tem seguido, viveremos numa apatia, ou por outra, no retrocesso eternamente.

E' vergonhoso, mesmo baixo e improprio o que a autoridade tem deixado passar impune, calcando a pés juntos a lei da Separação.

Bom seria que o sr. administrador désse uns passeios até Ois e se informasse do ocorrido para ministrar justiça como bem lhe aprouvesse.

Mas não. Sua ex.ª vê esta freguezia—como nós calculamos—de um lado dedicados republicanos, do outro... amigos... e sua ex.ª bem sabe... Mas permita-nos que lhe digâmos com esta franquêsa de velhos correligionarios, que só deles se estar em cértos logares quem *póde*...

José Pinheiro

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUÊSA,,

Compram-se os n.os 24 e 35, primeira série, formato grande, désta publicação semanal editada pela emprêsa do *Seculo*.

Dirigir ao nosso escritorio.

Casa de emprestimo sobre penhores

=DE=

João Mendes da Costa

(FUNDADA EM 1907)

RUA DA REVOLUÇÃO, 63 E TRAVESSA DO PASSEIO, 10

(Em frente da Escola Central do sexo feminino)

AVEIRO

Nesta acreditada casa empresta-se dinheiro sobre brilhantes, ouro, prata, roupas de todas as qualidades, bicicletas, mobilias, calçado, relogios, maquinas de costura, instrumentos, louças etc.

Os juros sobre brilhantes, ouro e prata é de 5 rs. cada 1$000 ou seja 6 0[0. ao ano.

Sobre os outros artigos tambem o juro é muito reduzido.

Esta casa acha-se aberta todo o dia.

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Diluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas

CAIXA DE EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES

=DE=

Artur Lobo & C.ª

Rua do Passeio, 19 -- Esquina da Rua do Loureiro

AVEIRO

Empresta-se dinheiro sobre papeis de crédito, ouro, prata, pedras preciosas, bicicletas, maquinas de costura, mobilias, roupas, relogios e qualquer outro objecto que ofereça garantia.

Juros modicos, seriedade e o maximo sigilo nas transacções.